FOLHAS NOVAS

Factos e razões

Composição e Impresão
Typ. M. Reis Gomes — R. da Moeda, 14

Director, editor e proprietario
Floro Henriques

Redacção e administração
R. do Loureiro, n.º 58, 1.º — COIMBRA

UMA CEIA DE NATAL

Eis aqui o que eu julguei que devia escrever-vos acerca d'aquelles que vos enganam. (I—S. João — II-26.)

Lembram-se do convite que me fez o meu visinho João?

Pois o prometido é devido. E por isso lá fui eu, na noite do Natal, ceiar com elle. Quando cheguei estavam já em volta do borrarho outros visinhos, entre elles o José Simões e o Manuel do Canto. Sobre o lume rugia um tacho com torresmos, que o João mechia de vez em quando, com uma colher de pau, enquanto a tia Maria, muito solícita, migava brôa nas tigelas, para botar a sôpa.

— Bôas noites, disse eu.

— Bôas noites... Viva!... disseram elles em côro.

— Isto é que é... Assim é que vale a pena viver: uma fogueira que aquece toda a casa, um tacho de torresmos que chegavam para um exercito... Para vespera de Natal, não é mau o jejuna.

E o João, de cara muito alegre e olhar sempre bondoso e franco:

— Senta-te para aqui.

Depois, voltando-se para a tia Maria, perguntou:

— Em que altura vai isso?

— Está prompto... E' só deitar o caldo...

— Então anda lá. Isto tambem está feito... Pois é verdade, meus amigos, disse o João voltando-se para os visinhos, cá o temos... O Manuel do Canto já estava impaciente. Até queria ir chamar-te...

— E' porque tambem te quero contar uma *anedota*, disse o Manuel, compondo as cavacas na lareira.

— Mas então, se há de ser logo...

Deus caro e Deus barato

— O caso é este. O padre queria que eu pagasse uma bulla de 45\$000 réis para poder casar com uma parente e como eu embirrasse com tal bula, dizendo-lhe que não pagava tanto dinheiro, fui falar ao administrador para elle me casar pelo civil... O que eu fui fazer! Logo nesse mesmo dia o padre foi a minha casa, a principio cheio de bôas palavras, dizendo-me que afinal, e por ser para mim, me arranjava tudo por 35\$000 réis. Eu respondi que nem por 20. Ao que elle retorquiu, dizendo que eram leis da igreja e que o melhor era fazer-se tudo em bôa paz... E chegando-se ao meu ouvido, disse em segredo: «Faço-lhe tudo de graça. Só paga á camara ecclesiastica. Que mais quer?» E como eu perguntasse quanto era, o alma de chibo teve a coragem de me dizer que eram só 30\$000 réis. Ao que eu respondi, já enfadado: Dispenso os seus favores... Trinta mil réis não apuro eu num anno... Eu cá me arranjo... Adeus.

Mas o padre, isso saia elle! Chegava-se para mim cada vez mais. Houve ainda um momento em que me falou nos castigos que Deus manda aos que não obedecem á *santa igreja*, mas por fim já não falava em taes coisas. Estava como um cordeiro. E como me visse disposto a não pagar a maquia como elle desejava, acabou por me dizer que faria tudo por 15\$000 réis.

Então respondi-lhe que não queria que elle perdesse tanto dinheiro, pois que de 15 para 45 iam 30. Eram, pois, 30\$000 réis que elle perdia. Que não, explicou elle, não perdia tanto. Elle lá iria ao sr. bispo pedir um abatimento...

— Isso é moral de padre, toda inteira. E depois, em que ficaram?

— Disse-lhe, francamente, que ia casar pelo civil. Que não se incomodasse...

Quando tal lhe disse, elle fez-se de sete côres. Houve mesmo um momento em que o julguei danado, pelos olhos que me botou... Eu, porém, olhei tranquilamente para o canto da casa, onde estavam os foiceiros do carro e o homem serenou um pouco. Mas sempre foi dizendo que o casamento pelo civil era peor que uma mancebia. Que antes eu me amigasse, do que fôsse á administração. E desceu, resmungando, escada abaixo.

— Não é má a doutrina, disse o João, tirando o tacho da fogueira.

— Mas é doutrina corrente lá entre elles. Porque o que elles querem é que a coisa renda. De resto não se importam. A moralidade d'elles resume-se toda em avareza. Desde o padre ao papa, todos resolvem as questões, por mais imoraes que sejam, com dinheiro e só com dinheiro. E' o caso d'um homem que, tendo ido a Roma pedir ao papa dispensa de casamento com uma parente, escreveu a um amigo: «Consegui tudo. O caso foi abrir eu a bolsa. E se mais dinheiro trouxesse, aranjava dispensa até para casar com o pápá!»

A tia Maria, que achára imensa graça ao dito do tal sujeito, poz uma banca na lareira e disse ao cobri-la com uma toalha:

— Lá por dinheiro são elles todos levadinhos da breca. O nosso, este anno, até avisou na igreja que não aceitava maçãs, nem qualquer outra fruta que oferecessem ao menino Jesus; que só aceitava dinheiro.

— Isso é para cumprir a lei do Evangelho que diz (Math. 10-9): *Não possuás ouro, nem prata, nem cobre, nem alforge para o caminho, nem duas tunicas, nem sapatos, porque digno é o obreiro do seu alimento.*

— Olhá não sigam elles esse conselho! disse a tia Maria passando-nos as malgas com o caldo.

— E' porquê, tia Maria? Sabe? E' porque se o seguissem não teriam to-

das essas comodidades que elles gosam: bôa meza, bôa adega, bôa cama bôa amiga, nem conseguiriam votos para agradar aos politicos, nem deixariam, em morrendo, uma burra com libras, para enriquecer os seus herdeiros. Deus, para elles, não está em toda a parte onde chamem por elle, mas apenas onde telinte. O Deus d'elles é o dinheiro. Por dinheiro fazem tudo. São capazes de negar Christo por um vin-tem. Para vos mostrar que é assim, e porque é a confirmação do caso do Manuel, vou contar-vos o que ha dias se passou perto de Coimbra, entre um homem e um padre... Porque te ris tu, João? Escaldaste a lingua?

— Entre um homem e um padre! não está má Continúa.

Moral dos padres

— Pois é verdade. Podem até averiguar, se quizerem. O homem chama-se Francisco Barreto Rojado, natural de Ribeira de Frades, proximo de Taveiro, e o padre tem o nome de José Rodrigues Madeira. O homem queria casar com uma prima em quinto ou sexto grau, mas pela conta do padre reverendo, aquilo importava numa somma de mil diabos. Em vista d'isso o que faz o Barreto? Declara que vai casar-se civilmente.

— O mesmo que eu fiz, interrompe o Manuel.

— Tal qual como tu com o teu padre. A mesma ganancia de dinheiro, a mesma audacia em o pedir e por fim as mesmas caricias e desculpas, dando conselhos amigos para ver se o desviava do casamento civil. Um d'esses conselhos foi que se amigasse com a rapariga. O homem então, apurando-se com o padre, pergunta-lhe:

E depois, seu padre, qual é a situação da minha companheira perante a sociedade e de meus filhos perante a lei? Se essa é a moral da igreja...

O padre então, com todo o descaramento e cinismo, declara ao Barreto que *perante a sociedade, tão vexatoria é a mancebia como o casamento civil!* E terminou dizendo-lhe que se elle agora se amigasse, a todo o tempo o casaria, o

que já não faria se se casasse civilmente!

E o João, espetando um torresmo com o garfo, perguntou admirado:

— Mas porque diabo temem elles, assim, o casamento civil?

— E' muito simples: Quem se casa civilmente, dá o dinheiro das dispensas e proclames ao Estado e empregados respectivos, o que não succede indo casar-se á igreja. Quando alguém se casa pela igreja, paga umas poucas de maquias. E' a licença, a bula, os proclames, a confissão, a missa do casamento, o toque dos sinos e por fim um pipo de vinho e um cesto de bôlos que tem de se repetir como as confissões, ao menos uma vez cada anno. E' isso rende. Depois a mulher fica sempre dependente do padre pelos segredos que elle lhe apanhou na confissão.

Ora, quando se casam na administração do concelho, nada d'isto acontece, nem aos nubentes, nem aos registantes, nem aos padres, que chucham no dêdo, embora bufem. Com meia duzia de vinténs casam-se duas pessoas e sem obrigações futuras. Quer dizer: sem terem que andar todos os annos com almudes de vinho ás costas para a casa da administração.

— Mas o casamento fica válido na mesma? perguntou a tia Maria, pondo na mêsa um prato com orelheira.

O registo civil

— Na mesma, não, porque fica melhor. Registo que se faça na administração aparece sempre e tem todas as garantias perante a lei; e os feitos na igreja ou aparecem ou não. Porque o padre, muitas vezes, em lugar de ir para o escritorio lavar os assentos, vai mas é para a adega embebedar-se e adeus assento que te foste... Se depois tivermos uma herança ou não a recebemos, ou moem-nos com documentos primeiro que ella nos chegue ás mãos e já não é toda. Uma grande parte fica pelo caminho, em apuramentos.

O José Simões, que é homem de poucos dizeres, mas muito sensato, sus-

pendeu o copo que ia para levar á bôca, e disse:

— Essa é uma grande verdade. Conheço muitos casos d'esses e um d'elles succedeu com minha mulher.

— São a oito. Porque os padres não se importam com as leis nem com o futuro dos nubentes. O que elles querem é dinheiro, o que elles querem é vinho, o que elles querem é ganhar cêbo.

Eu sei que muita gente deixa de casar civilmente por causa do falatório publico. Os padres acendem as beatas e ahi vão ellas, rua abaixo e rua acima, desengonçadas como carroças velhas que estiveram ao sol, a farejar ás portas, até acharem quem as oiça, para repetirem o caso nunca visto nem pensado... Mas a gente de cara direita, as pessoas de bem, nada têm que ver com essa miseria moral, posta em dia por creaturas azedadas por não terem já prestimo, por serem incapazes de servir em qualquer outro mister que não seja deitar agua benta nas pias, varrer os altares, contar a cêra, levar e trazer recados, servindo de alcoviteiras entre o padre e as confessadas.

De resto, meus amigos, vocês já viram alguma panela de papas que fervesse sempre? Umas acabam por saír do lume, outras deixam de ferver por falta de agua. E' o que acontece aos linguareiros. Falam, falam, mas acabam sempre por meter a viola no sacco e ir-se embora.

Eu faço tanto caso d'essas vozes como das môscas que morreram o outro verão. São vozes, que embora se ouçam longe, nunca chegam ao cêo.

— Foi o que eu fiz e até hoje ainda me não arrependi, disse o Manuel, limpando os beiços, engordorados da orelheira. Tenha eu que comer...

— E esse, felizmente, não te falta, disse a tia Maria. Toma lá ainda esta maçã e parabens á tua sorte, mais á da Marquitas.

Liberdade e consciencia

— Pois é como digo, meus amigos; ninguém abre a bôca que a não venha a fechar. Desgraçado de quem se dêi-

xa levar pelos ditos do mundo! Nunca fará justiça ao que a tem, nem poderá chamar-se independente e livre; Quem não faz o que deve nem cumpre o que lhe diz a sua razão, com medo do que dirá este ou aquelle, não merece a nossa consideração e muito menos a nossa amizade. É uma creatura sem dignidade moral, indigna, por isso, de viver entre os homens. Póde morrer que não faz falta... Tu, Manuel, é que foste um homem. Atiraste com os preconceitos ao ar e fizeste bem. Até por isso has de ser mais feliz. Verás como os teus filhos hão de ser mais robustos e mais lindos, mais sádios e mais livres.

Realisáste um acto de homem livre. Fôste um sêr consciante e bom, por que procedeste em harmonia com a tua consciencia, sem offenderes ninguem, antes dando um bom exemplo, qual foi o de te sacrificar pela verdade e pela justiça. Porque o registo civil é sobretudo um acto de verdade e de justiça. Revela independencia, revela dignidade moral, mas é tambem um caso de consciencia, um caso de moralidade puolica.

Eu posso afirmar que os filhos que tiveres e os netos que elles te derem serão como tu homens de bem, continuarão o teu caminho, seguirão o teu exemplo. Depois, quando morreres, tu e os teus, o teu acto fructificará ainda. O registo civil continuará sem fim, na tua familia libertada dos preconceitos sociaes e sobre tudo do embuste do padre.

Não te arrependas, pois, de ter realiado um acto livre, digno d'um justo e d'um bom.

O trabalho é nobre

A tia Maria que tinha já levantado a banca e arrumado os pratos, sentou-se ao lume, e, fitando em nós seus olhos calmos, perguntou com brandura e bondade:

— Mas olhem lá: se a moda pega, o que hão de fazer os padres? Ficam por ahí á maçã do chão, sem prestimo para coisa nenhuma.

— E que temos nós com isso, tia Maria? As coisas servem enquanto

prestam. Em não tendo applicação arrumam-se. E' tudo assim. Porque não usam hoje as mulheres as saias de balaõ?

— Porque passaram de moda...

— Pois ahí tem: os padres vão tambem passando de moda e um dia virá em que passarão de todo e ninguem mais falará nelles, por já não serem usados, por não serem já precisos.

O que não passará de moda é o trabalho, o amôr, a justiça. Elles, portanto, que trabalhem; e sejam bons e justos. Se o não fizerem morrerão. O proprio povo os matará pela sua indifferença.

De resto o mundo tende a libertar-se de todos os embustes e preconceitos. Dentro em pouco não haverá registos ecclesiasticos, como lá fóra já não ha escolas congreganistas.

Na França...

Mas nesta altura o João que tinha avivado a fogueira, recostou-se para o canto e encavalando as pernas, como o vilão em casa do seu sôgro, disse em voz alta:

— Eu convidei-te para vires ceiar comigo, não só para te ver aqui e te ouvir falar, mas tambem para outra coisa. Foi para te perguntar...

O que o João me perguntou, desculpe o leitor, fica para o mez que vem. Tenha paciencia que não perderá com a demora.

NOTA FINAL

O priór disse hoje, á hora da missa, que quem dava ao padre emprestava a Deus... Que quer elle dizer com aquilo?

— O seguinte: que lhe leves tu lá um almude do teu vinho, um lombo do teu pôrco, uma saca do teu milho e se podér ser ainda um carro de lenha para elle se aquecer.

— Pois não quebrará os dentes com o que eu lhe levar. E tu?

— Eu? prefiro emprestar directamente a Deus. Em elle precisando, como é imenso e está sempre em toda a parte, que o diga; porque eu se podér, socorrê-lo-ei. Mas a elle e não aos padres...